

# Inclusão social e escolar a partir da análise do filme Extraordinário: Avanços e desafios

Fernanda Theresinha Pedroso Padilha\*

Nidiele Dornelles Silveira\*\*

Patrícia Medianeira Barrozo\*\*\*

## Considerações iniciais

O filme Extraordinário consagrou-se na “telinha” brasileira, trazendo um misto de emoção, angústia e empatia. No olhar das autoras, o enredo aguça para desenvolver discussões acerca de assuntos atuais, que ultrapassam barreiras e transcendem as tramas elucidadas e romantizadas pelo longa-metragem.

Este artigo aborda o tema da inclusão social e escolar a partir da análise do filme *Extraordinário* (2017), observando os avanços e desafios enfrentados. O referido filme conta a história de um menino que possuía uma deformidade em seu rosto e, por tal motivo, ele passou por cerca de 27 cirurgias desde seu nascimento. Para sua análise, utilizar-se-á referências bibliográficas sobre inclusão escolar e da análise do próprio filme.

O artigo será dividido em três partes, sendo a primeira referente à inclusão social e escolar, ressaltando o papel das escolas, que é potencializador de aprendizado. Nesse tópico, é possível compreender que são indispensáveis as oportunidades educacionais a todas as crianças, considerando suas potencialidades e interesses e proporcionando um ensino de qualidade.

Na segunda parte, far-se-á uma contextualização acerca do filme Extraordinário, utilizando-se a mitologia grega para abordar o personagem principal do filme. O

---

\* Bacharela em direito pela FAPAS (Faculdade Palotina de Santa Maria/RS). Especialista em direito penal e processual prático contemporâneo pela UNISC/CEISC. Advogada. Santa Maria. Rio Grande do Sul.  
E-mail: padilha.fernanda03@gmail.com

\*\* Bacharela em direito pela FAPAS (Faculdade Palotina de Santa Maria/RS). Advogada. Santa Maria. Rio Grande do Sul.  
E-mail: nidieledornelles@gmail.com

\*\*\* Bacharela em direito pela FAPAS (Faculdade Palotina de Santa Maria/RS). Advogada.  
E-mail: patriciamedianeirabarrozo@gmail.com

referido capítulo traçará comentários sobre o enredo da história de transposição de barreiras enfrentada por Hefestos.

Por fim, apontar-se-á alguns avanços e desafios na inclusão social e escolar sob perspectivas do filme *Extraordinário*, tendo em vista que serão indicados alguns exemplos verificados a partir da análise do filme.

## Inclusão social e escolar: O papel das escolas enquanto potencializador de aprendizado

A inclusão deve ser entendida pelos eventos que circunscrevem o processo de existência coletiva e individual, a partir das práticas culturais, produtoras de verdades instituídas, pelas tentativas de normalização e regularização da diferença, por meio da construção ou adequação de estratégias de controle, podendo ser permanentes ou provisórios (OSÓRIO; LEÃO, 2013). Com isso, mecanismos legislativos, políticas públicas, Diretrizes e Bases da Educação Nacional constituem instrumentos indispensáveis quando o assunto é inclusão social e escolar. Neste sentido, reforçam Santos *et al.* (2014, p. 747) que:

A Constituição Federal de 1988 determina como fundamentos da República a cidadania e a dignidade da pessoa humana, por meio da promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Além disso, os marcos legais da Educação Especial e Inclusiva como: a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, lei nº 8.069/90), a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP 2008) passaram a influenciar a organização escolar e social, garantindo o direito à igualdade e o direito de todos à educação, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A importância da educação fica expressa na compreensão das políticas públicas brasileiras como o alicerce e a necessidade primária para o cumprimento da cidadania e acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos (SILVA; CARVALHO, 2017).

Além disso, deve-se esclarecer que a educação de pessoas com deficiência ou com alguma deformidade teve sua origem no campo da saúde e da assistência, baseando-se em modelos da institucionalização, da proteção e correção do déficit,

que são práticas excludentes, visto que defendiam a separação do ambiente familiar e comunitário (SANTOS, 2021).

A partir dessa ótica, compreende-se que a escola desempenha um papel fundamental na efetivação da inclusão de pessoas, não somente as com deficiência, mas também para as que trazem, em suas bagagens, diversidades culturais, religiosas, étnicas, dentre outras.

Rigo (2019) destaca que as diferenças passaram a compor um debate constante no campo da educação, sendo resultado das transformações culturais, econômicas e políticas que ocorrem na sociedade contemporânea, motivadas tanto pelas lutas sociais quanto por interesses político-econômicos.

Sabe-se que há diferenças conceituais entre pessoa com deficiência e diversidade, sendo que a segunda diz respeito a variados fatores, como culturais, religiosos, de raças, etnias; enquanto aquela é conceituada no Estatuto da Pessoa Com Deficiência (Lei nº 13.146/15), mais precisamente no art. 2º do referido diploma legal:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Todavia, em ambos os casos, é preciso que a instituição escolar desenvolva mecanismos para adaptações, técnicas de aprendizado e até mesmo preparação de seus profissionais. Deve-se esclarecer que o presente artigo volta-se à discussão acerca das diversidades, principalmente no que concerne ao ambiente escolar, sendo este fundamental para a inclusão e respeito às diferenças.

Para tanto, é possível compreender que as diversidades fazem parte do universo como um todo, ao passo que cada povo, na medida de colonizações e evoluções, foi tornando-se único, cujas características são identificáveis e devem ser respeitadas. Mas como os ambientes escolares lidam com toda essa diferença e conseguem construir conhecimentos?

Conforme Rigo (2019), diferentes práticas podem ocorrer nos processos de inclusão escolar. É preciso refletir como práticas pedagógicas de professores podem desenvolver uma relação entre o eu e o outro no processo de inclusão escolar, em que as diferenças possam existir, sem que sejam consideradas como um “problema” de ordem pedagógica e social.

Desse modo, Santos *et al.* (2014) enfatizam que a escola passa a ter o papel principal de promover oportunidades educacionais a todas as crianças, considerando suas potencialidades e interesses e proporcionando uma educação de qualidade para todas, sem exceções, tomando para si o papel de uma escola inclusiva.

Silva e Carvalho (2017) asseveram que a escola de qualidade, através de conteúdos e das relações sociais que proporciona, propicia o desenvolvimento humano na sua plenitude, condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças. As autoras ainda apontam que, segundo a Declaração de Salamanca (1994), as escolas deveriam acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras.

Neste sentido, conforme Moreira (2016 *apud* SILVA; CARVALHO, 2017), a educação inclusiva é a aceitação das diferenças, não uma inserção em sala de aula e que exige transformações no sistema de ensino, envolvendo o respeito às diferenças individuais, a cooperação entre os alunos, professores capacitados para incluir todos os alunos em todas as atividades escolares e, principalmente, trabalhar a questão do respeito e da dignidade.

Verifica-se, desse modo, o quão indispensável é o papel das escolas enquanto potencializadoras do aprendizado, além de ser um lugar que propicia a construção de vínculos afetivos. As instituições devem receber a diversidade de pessoas com suas peculiaridades e saber explorar o que cada um tem de melhor em si. O local de ensino é visto por muitos como sua segunda casa, haja vista que, na maioria das vezes, grande parte do tempo da criança está ali.

Desse modo, para que haja inclusão social e escolar das pessoas que, por algum motivo, são diferentes, é indispensável uma rede de apoios, não somente com engajamento institucional, mas também de familiares e da sociedade como um todo. A inclusão depende, acima de tudo, de convicções, compromisso e disposição política com uma transformação social, a partir de atitudes concretas, visando efetivamente a possibilidades de justiça e respeito à diferença de forma individual e coletiva (OSÓRIO; LEÃO, 2013).

Assim, faz-se possível uma compreensão do assunto a partir da análise do filme Extraordinário, no qual se tem, como protagonista, um menino que enfrentou barreiras para encarar a sociedade e a escola, visto que possuía uma deformidade no seu rosto, passando por 27 cirurgias ao todo. Tal exemplo, baseado em história real, reporta o quanto ainda estamos vivendo em uma sociedade julgadora, estigmatizadora e excludente.

## A arte imita a vida: Observações das autoras com relação ao filme Extraordinário

A vida escolar está se inserindo cada vez mais cedo na rotina das crianças, sendo como um dos ambientes que complementam a vida familiar. Contudo, percebe-se que a entrada da criança na escola envolve um processo de difícil adaptação, sendo necessária a colaboração dos docentes e da família para que o novo ambiente seja agradável e adequado à necessidade de cada criança. Esse processo, muitas vezes, torna-se gerador de sentimentos negativos, como medo e insegurança, que necessitam ser compreendidos, pois o afastamento do vínculo familiar é o primeiro desafio nos primeiros anos de vida.

Nesse contexto, o longa-metragem norte-americano de 2017, dirigido por Stephen Chbosky, destacou-se aos olhos das autoras, visto que contextualiza a rotina de uma família que precisa superar desafios todos os dias para ajudar seu filho mais novo, que nasceu com uma deformidade em seu rosto, para que leve uma vida normal.

O protagonista do filme, no sentir das autoras, tinha sua identidade marcada pela superação e pelo medo da reação das pessoas, razão pela qual buscaram, na mitologia grega, o prenome *Hefestos* - Deus do fogo e dos metais -, que veio ao mundo sem união de amor. Ele era filho de Hera e Zeus, todavia Hera pariu-o sozinha. Com relação a sua aparência, dizem os mitos gregos que era muito feio e sua mãe, quando viu o seu rosto, atirou-o do monte Olimpo e, devido ao tombo, ele ficou aleijado (BRANDÃO, 1991).

Contextualizando o personagem do filme, é possível verificar que *Hefestos*, desde seu nascimento começou sua luta para corrigir uma deformidade no rosto, devido à Síndrome de Treacher Collins, sendo que, nessa tentativa, o menino guerreiro passou por 27 cirurgias. Com o passar do tratamento e dos anos, a família, que buscava sempre o melhor para seu filho, iniciou a alfabetização dele através dos ensinamentos de sua mãe, que, além de ser extremamente protetora e amorosa, procurava sempre amenizar os dias frustrantes de *Hefestos*.

Quando *Hefestos* completou 10 anos de idade, os pais preocupados com a falta de socialização com outras crianças, resolveram matriculá-lo em uma escola ingressando no 5º ano. A partir desse momento, o medo e a fragilidade do pequeno menino tomaram conta de seus dias, pois sabia que teria muitos desafios a serem superados. Os pais também estavam apreensivos, pois não sabiam qual seria a reação dos colegas e educadores quando vissem o seu filho.

Naquele momento, a vida de Hefestos transformou-se. Seus dias que eram transcorridos por tanta proteção e estudos, apenas na companhia de sua mãe mudaram, agora precisaria familiarizar-se com outras crianças e educadores que até então não faziam parte de sua convivência.

Logo no seu primeiro contato com a escola, conheceu o diretor que lhe acolheu com muito carinho para que não se sentisse diferente dos demais e, para iniciar sua nova jornada, convidou três colegas de sua classe, para apresentar-lhe a escola. Assim, começou a sua nova rotina escolar. Os primeiros dias de Hefestos foram desafiadores e muito difíceis quanto ao convívio com os colegas, pois sofreu com o *bullying*, além dos olhares curiosos e maldosos que o levavam a pensar por que era tão diferente das outras crianças.

Hefestos sentiu na pele a exclusão e o desprezo, além de outros sentimentos desagradáveis por parte dos colegas. Em contrapartida, tinha, em sua família, o suporte material e moral que qualquer criança necessitaria ter. Além disso, tinha uma característica que muitos desejariam ter, a inteligência.

Desse modo, Hefestos não teve o acolhimento desejado dos colegas, muito embora seus familiares tentassem ajudá-lo, incentivando-o a pensar que seria uma fase superável e de grande aprendizado. Eles sabiam que no momento em que os colegas de classe se despojassem de qualquer sentimento preconceituoso e o conhecessem realmente descobririam o quanto aquele menino tímido e envergonhado era extraordinário.

Vale destacar que os ambientes escolares são de grande valia, visto que são muito importantes para o desenvolvimento e criação de vínculos afetivos, pois, além de proporcionarem interação com outras crianças, propiciam conhecimento de forma didática. Além do que fazer parte de uma escola é sentir-se pertencente àquele ambiente, o que é de imensurável valor para uma criança.

Destaca-se que os profissionais da escola, como o diretor e os professores, conseguiram cumprir seus papéis enquanto educadores e acolhedores de seus discentes, tendo em vista que, no que se refere ao *bullying* sofrido pelo Hefestos, não se mantiveram inertes, pois sempre tentaram combater qualquer tipo de preconceito.

Nesse contexto, percebe-se o quanto é fundamental os profissionais da educação imporem-se diante das situações que lhes são apresentadas, pois as crianças aprendem e reproduzem com os adultos. Corroborado a isso, Silva e Vitória (2015, p. 53) mencionam:

O que há algum tempo não era tema contemplado nas discussões acadêmicas e sociais, hoje está posto como realidade, tendo em vista que as pessoas com deficiência estão cada vez mais inseridas na sociedade e ocupando seu lugar. Quanto à inclusão, precisamos de mudanças sociais que levem a uma situação mais igualitária para as pessoas com deficiência e outras minorias.

Voltando-se ao enredo do filme, apesar de toda repulsa e resistência em aceitar o outro com suas peculiaridade e diferenças, deve-se pontuar que ele traz muitas lições, dentre elas, o respeito ao diferente, amor ao próximo, empatia, coleguismo, força de vontade e amizade. Na medida em que colegas e professores foram conhecendo Hefestos, muitos preconceitos até então estipulados deram lugar ao arrependimento e compaixão.

Nota-se, dessa forma, que a aceitação de Hefestos começou consigo mesmo, pois teve a coragem de aceitar a sua própria imperfeição, visto que ele alimentava uma forte sensação de autorejeição, por não ser aquela criança perfeita que gostaria de ser e isso o deixava constantemente frustrado e inseguro.

Com isso, reforça-se novamente o quão importante é o papel da escola na quebra de paradigmas e preconceitos. Ademais, é indispensável ter profissionais que atuem de forma responsável na condução de seus trabalhos em prol de tentar igualar as diferenças ou, ao menos, transmitir aos seus alunos que todos somos diferentes e que isso é incrível, o que faz cada ser humano ser único e insubstituível.

Nas palavras de Silva e Vitória (2015), é importante a discussão da formação de professores para a promoção de um contexto mais inclusivo e afetivamente mais aberto à diversidade, a fim de entender que a formação não está somente ligada ao curso formal ou à universidade como espaço de formação inicial, mas ela é construída na experiência de sala de aula, no tratar com o outro, com o colega, com o aluno, com a deficiência, com as diferenças.

De qualquer sorte, o filme traz reflexões sobre superação, sobre respeito às diferenças e sobre o quanto cada ser humano possui suas limitações e angústias de aceitação nos lugares em que convive. Portanto, a principal lição extraída do enredo é a seguinte: “quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil”.

## **Ninguém ama o que não aceita: Panorama fático sobre os avanços e desafios sob a inclusão social e escolar**

Na reflexão das autoras, a nossa vida é um projeto em construção e um dos principais caminhos para a realização dos nossos sonhos é preciso ter oportunidade de formação e uma vida digna com acesso às necessidades básicas. Além de reconhecer os nossos pontos fortes, é preciso também aceitar as nossas fraquezas e limites, pois ninguém ama o que não aceita.

Diante disso, as dificuldades podem começar a ser superadas nos primeiros anos de vida, principalmente, no enredo escolar. Por isso, driblar os desafios na inclusão social e escolar nem sempre é uma tarefa fácil. A partir das perspectivas acerca do filme Extraordinário é possível vislumbrar que são inúmeras as barreiras enfrentadas pelas crianças que possuem alguma peculiaridade que as difere dos demais.

O referido filme demonstra que o protagonista sentia-se excluído dos colegas e da sociedade, a ponto de usar um capacete de astronauta por ter vergonha do seu rosto, pois muitos eram os olhares indagadores e preconceituosos com a sua fisionomia.

Quantos desafios são perceptíveis na vida do menino extraordinário, a ponto dele ter como data comemorativa favorita o Halloween?! Tirar fotos, conviver com colegas, ir a parquinhos e lugares abertos ao público, ter que se apresentar são alguns dos tantos outros. Preferível é esconder a causa do problema, do que ter que dar explicações ou enfrentá-lo.

As crianças com deficiência ou com alguma deformidade superam barreiras para conseguirem incluir-se no meio social e, principalmente, no escolar. E como ajudar essas crianças? A partir da análise do filme, percebe-se que o grande algoz das pessoas é o orgulho e o preconceito, além do processo de normalização dos corpos e exclusão do diferente, que fazem da sociedade demasiadamente pretenciosa, exigindo uma perfeição.

Além disso, era notório que até mesmo para os pais do protagonista do filme era difícil auxiliá-lo, na medida em que se pode mensurar a dor alheia, mas não a sentir. Nota-se que, no filme, é perceptível o esforço da sua família em tentar amenizar o preconceito e a dor sofrida no decorrer de seus dias, pois até mesmo para eles era angustiante saber como as outras crianças reagiriam frente à imperfeição física do filho.



Desse modo, entende-se que o principal desafio vislumbrado no filme é a aceitação de si mesmo. Pois no momento em que ocorre a sua aceitação, as outras crianças também começaram a aceitá-lo, criando laços afetivos e de amizade, nesse momento, a humildade de alguns colegas ajudou-o a enfrentar a ignorância.

No que tange aos avanços, o filme traz a compreensão que é possível, mesmo nos momentos mais difíceis, despertar sentimentos positivos, tais como empatia, reconhecimento e amor ao próximo, percebendo-se isso quando os colegas conheceram-no verdadeiramente, compreendendo que o menino possuía apenas uma deformidade em seu rosto, mas que detinha um “coração enorme”.

As crianças transmitem pureza em seus sentimentos, o que não impede de expressarem o que aprenderam e não aceitar o diferente, pois mesmo aquelas que zombavam do menino extraordinário no início do filme, ao final, surpreenderam-se e aplaudiram-no de pé ao vê-lo ganhar o prêmio de aluno destaque, entenderam que todos são um projeto em construção e que carregam pedras disformes que, aos poucos, serão naturalmente lapidadas. Dessa forma, é saudoso vislumbrar que tanto o diretor quanto os professores reconheciam a capacidade e inteligência do aluno que ganhara o prêmio, o qual, além de dedicado e talentoso, era extraordinário.

Imagina-se que fazer parte de um mundo educacional, principalmente, enquanto docentes, é uma responsabilidade astronômica, sendo que tantos sonhos começam a serem idealizados a partir do momento em que se começa a ler e a escrever. Neste sentido, o professor tem de se preparar constantemente para esse encontro com o outro e poder contar com a sua experiência e a experiência partilhada pelos e com os colegas é fundamental. Nessa movimentação entre teoria e prática, entre reflexão e ação, entre estudo e sala de aula é que o professor vai se constituindo (SILVA; VITÓRIA, 2015).

Desse modo, reitera-se a importância do ambiente escolar na vida de uma criança, a fim de que possa efetivamente haver inclusão social e escolar, no entanto, pouco poderá fazer a escola, apesar de sua importância, se não tiver políticas públicas efetivas para a formação de professores/as, investimento na construção de uma escola com materiais necessários para as crianças com deficiência, não somente daquelas que necessitam de algum educador especial ou de instrumentos auxiliares, mas também daquelas que se sentem diferentes por alguma característica física, como vista no filme.

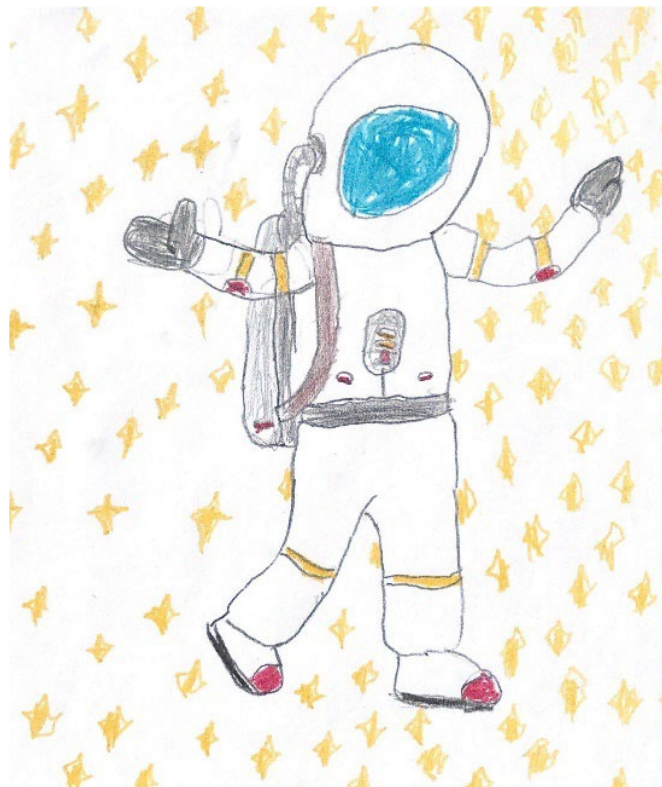
Saber que existem diferenças de gênero, raças, crenças, estilos musicais é importante, porém é muito pouco para uma sociedade que ensaje respeitar e conviver

com as diferenças em todos os contextos sociais, sem que prevaleça o preconceito e o ódio. Enaltecer a diferença é algo desafiador, aprender com a diferença, então, é algo enriquecedor!

O filme Extraordinário foi recurso utilizado por nós para desencadear a reflexão acerca da importância da inclusão social, permitindo buscar mais informações sobre avanços e desafios enfrentados pelo protagonista, os quais se transportam à realidade de muitas crianças brasileiras, que enfrentam barreiras em prol da inclusão ao convívio escolar e social.

Por fim, é preciso tirar as vendas do orgulho e do preconceito, além do processo de normalização dos corpos e exclusão do diferente, enxergando a todos com a naturalidade e imperfeições de cada um, pois é a partir dela que construiremos as pontes do nosso crescimento. Dessa forma, devemos nos render à condição de sermos quem somos. Isso é permitido. Isso é humano!

Figura 1 – O astronauta da ficção do filme Extraordinário desenhado por uma criança



Fonte: Desenho de Pedro Henrique Barrozo da Silva.

## Considerações finais

A partir de breves análises bibliográficas, bem como das reflexões acerca do filme Extraordinário, é possível concluir que a inclusão social e escolar nem sempre é tarefa fácil, visto que inúmeras são as barreiras enfrentadas diante das diversidades existentes em nossa cultura, hábitos e crenças.

No que tange ao filme em comento, um olhar sensível faz-se necessário frente a todos os empecilhos que uma deformidade física trouxe na vida de uma criança. Foram tantos gestos de desprezo dirigidos ao personagem principal do filme, que sua presença jamais passava despercebida.

As figuras dos profissionais da educação do filme demonstram-se respeitosas e harmônicas, como se espera que sejam sempre, ao passo que se entende que o papel da escola é fundamental na inclusão da criança que possui alguma característica que lhe dificulta no convívio.

Os familiares que, apesar de terem postergado a inclusão do menino na escola, por insegurança sobre como os colegas viriam-no e tratariam-no, surpreenderam-se com o passar dos dias, visto que o filho que eles tanto protegeram estava desbravando o mundo escolar com sua inteligência e coragem.

Desse modo, muito embora a maioria dos colegas do protagonista do filme, no início, praticassem *bullying*, devido à deformidade em seu rosto, na medida em que foram conhecendo realmente quem ele era, sentimentos de arrependimento e compaixão foram tomando conta do enredo.

Assim, é possível compreender que o filme é uma lição de vida do início ao fim e que o menino Extraordinário conseguiu encantar e surpreender a todos com sua inteligência, transpondo barreiras de desafios, dando lugar a avanços em ambientes tão fundamentais como a escola.

## Referências

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega**. v. I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 13 out. 2021.

OSÓRIO, A. C. do N.; LEÃO, T. C. L. Diversidade e educação especial em diálogos: reflexões sobre os discursos da inclusão. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, set./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>. Acesso em: 25 out. 2021.

RIGO, N. M. Inclusão escolar: um olhar sobre as formas de conviver com o outro. **Formação de professores, educação e psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 495-512, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i2.8651501>. Acesso em: 13 out. 2021.

SANTOS, A. F. dos. Educação inclusiva: uma análise sobre os avanços e os desafios enfrentados no contexto atual da educação básica no Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 6, ed. 5, v. 3, p. 36-45, maio. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desafios-enfrentados>. Acesso em: 13 out. 2021.

SANTOS, J. de S. *et al.* Ambientes potencializadores para inclusão: pesquisa sobre inclusão, digital, escolar e social de pessoas com deficiência. In: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, 11., 2014. **Anais...** Presidente Prudente: UNIVESP, 2014. p. 746-752.

SILVA, N. C.; CARVALHO, B. G. E. Compreendendo o Processo de Inclusão Escolar no Brasil na Perspectiva dos Professores: uma Revisão Integrativa. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 293-308, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000200010>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, M. O. da; VITÓRIA, M. I. C. Formação docente para uma educação inclusiva: dilemas e desafios. **Signos**, ano 36, n. 2, p. 44-56, 2015. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/793/783>. Acesso em: 25 out. 2021.